

Henrique Lima Vaz

Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1

Ora, o conhecimento da ordem implica o conhecimento do Bem, do qual deriva, e o conhecimento das realidades a serem ordenadas: realidades estruturalmente complexas nas quais o bem deverá residir justamente na unidade ordenada das partes e o mal na multiplicidade desordenada. A ordem irá assegurar assim a unidade das partes na constituição do todo, consistindo, pois, a ordem em cumprir cada uma das partes o que lhe é próprio (*ta eautou pratein*), de sorte que no todo assim ordenado possa transluzir a presença do Bem. A experiência mostra, por outro lado, que o lugar antropológico da justiça é a práxis individual e social. Na práxis que procede da ordem reinante no indivíduo e na cidade, a justiça estará, pois, necessariamente presente. Por sua vez, no todo individual e social devidamente ordenado resplandecerá sua excelência ou areté, em uma palavra, seu bem, estruturado segundo a ordem das partes e obedecendo, portanto, à regência da justiça, *arete* ordenadora por definição. Tal a ordem das razões que guia o discurso platônico na República e na qual está delineado o primeiro modelo de pensamento ético que a história nos oferece.

Com efeito, se só ao Filósofo pertence conhecer as Idéias e a Idéia suprema do Bem, e se a Cidade justa não é senão a "imitação" da Cidade ideal, toda iluminada pelo sol do Bem, como tentar implantar na realidade empírica essa "imitação" senão sob a guia daquele que conhece as Idéias e contempla o Bem?

Essas páginas da República têm sido o campo preferido dos comentadores, mas nosso propósito aqui não é o de comentá-las mais uma vez, nem mesmo o de resumi-las. O alvo que temos em vista é o de pôr em evidência a significação desse vasto painel sobre a vida filosófica e suas condições de um lado, a Filosofia e a suprema altitude inteligível de seu objeto de outro, em ordem à constituição de uma ciência do ethos, isto é, de uma Ética como ciência do bem, para além da significação que lhe é própria dentro do discurso da República. Com efeito, nessa que é sua obra ética por excelência, e obedecendo à lógica da refutação e superação do relativismo dos Sofistas, que é um dos alvos constantes de seu pensamento, Platão é levado a afrontar o problema do fundamento absoluto do bem humano (ver VI, 504 d 5-e 3), ou seja, a propor uma metafísica do Bem, inscrevendo na primeira página da história da Ética a referência às categorias metafísicas como constitutivas do pensamento ético. É essa, com efeito, a ótica primeira e óbvia de leitura das célebres passagens em que Platão discorre sobre a Idéia do Bem em sua

transcendência como objeto mais alto da Filosofia, em sua imagem - o sol visível - e em seus efeitos como fonte de ser e inteligibilidade (VI, 505 a 1-509 b 10), bem como sobre a contemplação da Idéia do Bem como termo do itinerário da Dialética e da educação do Filósofo (VII, 534 b 3 - d 2). Sem nos adentrar nos complexos problemas hermenêuticos a que esses textos têm dado ocasião, baste-nos assinalar que Platão eleva aqui o problema do bem, do fim do agir humano, a um nível de conceptualidade que os sistemas éticos posteriores deverão, de uma maneira ou de outra, levar igualmente em conta.

Ora, é nesse nível e somente nele que encontra resposta o problema com o qual iniciamos nossa exposição sobre a ética platônica, a saber, o problema da conciliação entre a necessidade do Bem que emerge do discurso da razão e a liberdade do agir dentro de uma filosofia da ordem.

Excertos extraídos de:

VAZ, Henrique Lima. **Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1**. Edições Loyola, 04216-000 São Paulo, SP, 1999.